

# O QUE RESTA

Bárbara Cardoso



*Para a minha avó, que continua  
a preencher todos os espaços.*

# 1.

Ninguém sabe porque se apaixonou por rosas. Julieta tem os dedos grossos e duros. A aliança, que usa no dedo anelar há mais de trinta anos, permanece uma encenação ridícula. Desfigurou-lhe o dedo, que agora tem um sulco permanente. Ela não faz ideia se são os ossos ou a carne a fazer-lhe a vontade, mantendo-a presente em negativo quando retira o anel para lavar a terra das mãos. Já percebe pouco do próprio corpo e não o reconhece em quase nada. Os espinhos têm-lhe deixado marcas ao longo dos anos, mas recusa-se a acreditar que é esse o motivo para que existam. Sabe que não é tão importante assim.

Com aquele lado matreiro, talvez até cruel, as roseiras fazem brotar as mais belas flores e criam, à má-fé, a armadilha de se cobrirem com espinhos. É uma teimosia da evolução, isto de as rosas se agarrarem aos espinhos. São ignorados há séculos e mesmo assim têm o descaramento de perdurar. Se há animais que os engolem e humanos que os ignoram, enterrando-os dentro de vasos ou na terra do quintal, para que servem? Se, como Julieta, há tantos que os afagam e mexem como se nada neles fosse intimidante ou capaz de ferir, qual a utilidade de uma coisa que já não serve para quase nada?

Ela lava as folhas daquelas roseiras todos os dias, como se não estivessem no exterior, onde pós e tanta coisa nelas pousam. Como se não tivesse de repetir tudo no dia a seguir. Repete tudo no dia a seguir. Saber que o fará traz-lhe a certeza de que amanhã estará cá. Sem Julieta, cresceriam desvairadas em direção ao Sol, largando pétalas onde lhes apetecesse, desistindo de folhas das quais não se esperava que desistissem. Ficariam feias, e uma roseira feia é uma tristeza para toda a gente.

Todos os dias acorda sentindo um peso algures. Não sabendo bem como, sobreviveu todos os dias até ali. Tem cinquenta e cinco anos e não é hoje que vai escolher morrer.

Há dias em que a constatação da sua longevidade lhe parece apenas inútil e obsoleta. Noutros, é a bengala que usa para sair do quarto, lavar a cara e pôr rímel nas pestanas, calçar as botas, vestir um casaco de malha e ir para o jardim, repetindo de si para si: «Ainda não é hoje que morres. Não foi ontem, não será hoje.»

É enquanto toda a gente dorme que Julieta se dirige até ao roseiral. Ignora o frio e começa a manusear as flores que enchem o jardim. Há um desafio que surge sempre que decide não usar luvas. Tenta fitar a dor aguda e localizada que sabe que sentirá quando os espinhos lhe arranharem a pele. É uma questão de tempo até se picar e saber o que esperar dá-lhe um sentido para continuar. Uma dor menor do que a que já se habituou a sentir, mas grande o suficiente para afugentar momentaneamente tudo o resto.

## 2.

Quando o despertador toca, tapa a cabeça e fica de olhos fechados, a respirar dentro daquela espécie de casulo abafado, tentando relembrar o sonho que estava a ter, com esperança de voltar para lá.

No andar de baixo, a avó prepara-lhe o pequeno-almoço, e o cheiro do café entra pelo quarto. Não gosta de café, mas aquele odor será para sempre uma ponte entre si e o amor de Julieta. Nas alturas em que crescer significa escolher que partes da infância quer deixar ir ou ficar, Sara tem dificuldade em discernir se os barulhos dos utensílios a tilintar a confortam ou enervam.

Levanta-se e, no espelho, depara com os seus olhos, particularmente verdes naquele dia. Veste uma roupa simples, lembrando-se do que toda a gente lhe diz: olhos bonitos são o melhor acessório. Decide que o dia tem tudo para correr bem. Quando chega à cozinha, presa nos seus pensamentos, a avó nem dá por ela. Sara não lhe consegue ver a cara, mas conhece os traços do seu rosto, sobretudo o sorriso triste que dele pende, como se não houvesse nada feliz que chegue para a fazer rir de verdade.

Querendo aproveitar a distração da avó, Sara decide fazer o que ela mais gosta: abraça-a por trás, gentilmente, encaixando o seu queixo no ombro dela, e as orelhas de ambas ficam juntas e espelhadas.

— Bom dia, vó. — Já adivinha a doçura na resposta que se segue. O amor, ali, nunca foi incerto.

— Bom dia, minha querida. Não te ouvi chegar. Dormiste bem?

Sara dorme sempre bem, mas não há dia em que Julieta não lhe faça esta pergunta. Os comportamentos repetitivos são uma

das formas que a avó tem de fazer as pazes com a vida, como se, com a repetição, lançasse um aviso ao mundo de que não tem vontade de ser surpreendida.

Comem em conjunto. Só as duas, como sempre. O avô José sai de casa todos os dias à mesma hora, ainda o céu não acordou. Naquela casa, duvida-se da necessidade de alguém precisar de ir trabalhar tão cedo assim, se não será uma forma de o avô fugir daquela família e das pessoas que lhe dão forma. Sara tem quase sempre vontade de fugir de José, por isso não se importa quando é ele quem foge primeiro. A ausência do avô é calma, e é assim que todos os dias começam.

Ela termina o leite achocolatado e deixa apenas as côdeas das torradas no prato. Lava os dentes a correr, dá um beijo na bochecha da avó e vai para a escola de mochila às costas.

### 3.

O trepidar do autocarro serve de embalo. Ela cede, porque não encontra motivos para não ceder. Já fez aquele caminho tantas vezes que não sente necessidade de ver o que passa do outro lado do vidro. A curiosidade e o deslumbramento não servem de motivação para se manter desperta, porque já não existem. Há muito tempo que não se sente deslumbrada com nada. Há algo de curioso na forma como coisas bonitas, que não se alteram com o tempo, perdem a beleza aos olhos de quem as vê de forma recorrente. Não podia a beleza ser como a água, que nasce, corre e se acumula? Que enche copos, e garrafas, e barragens, e mares. A beleza das pequenas coisas, das coisas repetidas, precisa de ajuda da novidade, que é ingrata e desaparece cedo.

Sara vai, de fones enfiados nos ouvidos, com os pelos dos braços eriçados, ora pelo ar condicionado quase sempre demasiado frio, ora pela música que ouve enquanto a cabeça dá leves batidas no vidro da janela do autocarro. Não é propriamente cómodo, mas a energia para se ajustar e mudar de posição parece ter ficado na cama, tapada com os cobertores. Finge que está confortável ali, de certa forma, para se tentar convencer também. Fá-lo muitas vezes, em diversas ocasiões. A banda sonora que escolhe para a vida naquele horário, todos os dias, ajuda-a a sobreviver ao peso do que lhe povoa o interior da cabeça. É uma novidade, isto de ter pensamentos densos e súbitas inseguranças que se deitam ao comprido pelo chão, no que ela jura serem tentativas descaradas de a fazer cair.

Sempre teve algo de frio em si. Algo que se cristalizou, mantendo fossilizada uma melancolia que Sara não consegue desmanchar. Ela sabe-o e tem cada vez mais dificuldade em lutar contra isso.

A vida pregou-lhe partidas antes mesmo de ela conseguir fixar na memória fosse o que fosse. Habitou-se à sua história e a viver como se nada do que aconteceu lhe pesasse no semblante. Mas os pensamentos parecem começar a vergar-se, a não aguentar o peso da relativização e do hábito. Sara é como uma ponte com fragilidades, que aguenta carros e camiões durante anos até de repente se deixar abater. Acorda agora mais triste do que contente e não sabe de onde vem tudo aquilo.

O corpo dela já sabe de cor a hora de se levantar para abandonar o autocarro na saída certa. Levanta-se automaticamente. Desce para o passeio e sente o alívio instantâneo da temperatura amena da rua àquela hora. O autocarro é sempre gelado, e isso torna aquela viagem matinal num gatilho desconfortável todas as manhãs. É uma das razões para nunca se querer levantar da cama. Isso e aquele homem velho, sempre com o saco de plástico na mão, cheio não se sabe de quê, que entra três paragens depois dela e teima em sorrir-lhe de forma constrangedora. Senta-se sempre no banco imediatamente à sua frente, e ela não consegue desviar os olhos da sua careca e da meia dúzia de cabelos que ali permanecem, estoicos e teimosos. Brilham conforme o sol entra pelos vidros, refletindo a luz como pequenas anémonas. Sara não consegue evitar o pensamento de que cada cabelinho é um ser individual que a observa atentamente. Talvez por isso não abra os olhos durante todo o percurso, absorva na música que escolhe em casa para ouvir na viagem que ela preferia que não acontecesse. É um misto de repulsa e meditação, este trajeto.

Depois de alguns metros de caminhada, Raquel espera por ela, encostada a um candeeiro de rua, todos os dias sem exceção.

— Bom, hoje esmeraste-te! Até me custa abrir os olhos com tanta cor — diz Sara, de forma sarcástica.

— Sabes perfeitamente que nunca irei ceder à moda dos beges e cinzentos. Quando me vires vestida com coisas neutras, podes declarar-me oficialmente em morte cerebral.

Visto de fora, ninguém percebe o que une aquelas duas raparigas. Tão amplamente diferentes em tudo o que mostram ao mundo e, no entanto, sempre juntas como se houvesse um cordão umbilical que algum médico incompetente se esqueceu de cortar. Sara nunca o diria em voz alta, mas as roupas de Raquel, que dão origem a olhares laterais e algum julgamento alheio, são uma espécie de estalo matinal que a faz ganhar energia para encarar o dia. O lado recatado de Sara define com a capacidade de a amiga falar e criar amizades com toda a gente que se cruza com ela. É o tipo de pessoa que causa estranheza a toda a gente, mas que desarma com a sua simpatia e perspicácia. Nunca conheceu ninguém que não gostasse dela e percebe porquê. O seu sorriso enche o mundo todo.

— De zero a dez, qual a probabilidade de o David chegar atrasado hoje? — pergunta Raquel, de forma provocadora, enquanto caminham até ao portão da escola.

— Se rebentar a escala não for possível, prefiro nem responder.

— Não achas impressionante que alguém completamente incapaz de cumprir regras básicas como chegar a horas consiga ter os professores todos na palma da mão?

— Acho que ele é uma espécie de encantador de pessoas. Mas quem és tu para julgar, não é verdade? — diz Sara, com um sorriso matreiro.

— Não me compares com o David. Eu conquisto as pessoas pela minha energia e extrema inteligência — interrompe, com um riso rápido. — Ele tem uma espécie qualquer de canto de sereia, sei lá. Faz aquele sorrisinho tonto e ninguém se consegue chatear, não é?

É. Sara sabe-o bem. Há semanas que aquele rapaz, que conhece há vários anos, a tem cativado também. Ela não consegue explicar o que sente, tampouco como surgiu, mas de manhã, quando ouve música no autocarro e se esforça para ignorar o velho do saco de plástico, é sempre em David que começa a pensar.

#### 4.

Lágrimas gordas escorrem-lhe pelas bochechas, entrando nas rugas e seguindo caminho como se circulassem em carris. Soltam-se em queda livre em direção aos pés das roseiras, como se algo pesado se lhe soltasse do coração e fosse oferecido às rosas de quem passa os dias a cuidar. Ela nunca se sente mais leve.

Sempre que a Sara vai para a escola, há um silêncio e um vazio que se apoderam daquela casa e de si. Não há dia em que não chore quando a vê passar pelo outro lado da janela da cozinha, apressada para os seus afazeres. Sabe que tudo o que se ama se pode perder, e a ideia de existir no mundo sem aquela miúda séria de olhos verdes como os dela deixa-a apavorada.

Uma das particularidades de ter crianças é que a casa fica sempre insuportavelmente vazia quando se vão embora. Quando Julieta recebeu Sara, então com três anos, em casa, há uma década, grande parte do seu coração já era preenchido por um amor inesperado e leve, não fosse assim o amor dos avós. Aquela criança pequena, que não fazia ideia do peso da desgraça que acabara de se abater sobre si, nesse momento sem pai nem mãe, escancarou o coração da sua avó num rasgo forçado e dolorido. Um corte que, em vez de ser feito a bisturi, fora rasgado à força pelos dentes afiados de um animal feroz. O amor transbordou do coração para as divisões da casa, espalhando brinquedos barulhentos e coloridos por onde já só habitavam objetos sérios e frágeis. Molduras com fotografias que não deixavam esquecer o passado e que, de repente, pareciam ver o futuro entrar.

Os vidros deixaram de estar imaculados e transparentes, as dedadas de mãos pequeninas decoraram tudo. As músicas tolas que

se inventaram à pressão na hora do jantar, as roupas pequeninas a abanar na corda do estendal, as palavras com sílabas trocadas e que trouxeram ao de cima um conflito: corrigi-las, para que a evolução natural acontecesse, ou ficar calado, para poder ouvir, nem que apenas mais uma vez, a palavra querida dita como só aquela criança que se ama diz. Tudo isso inverteu a ordem do que Julieta havia projetado para a segunda metade da sua vida. Por mais que o amor fosse claro, um pensamento constante trazê-la-ia de encontro ao chão frio de quando em vez: «Isto não deveria ser assim.»

\*

A campainha toca para ninguém ouvir. É um acontecimento recorrente. Julieta trata das roseiras, sem saber que alguém do outro lado do portão vermelho a quer. Corta, como dilacerando o seu próprio coração, as rosas pálidas de pétalas secas que já viveram o que tinham de viver. É um mal necessário, como tantos, a que não se habitua. Corta os caules, um palmo abaixo da rosa, afagando cada um dos espinhos que já a rasgaram tantas vezes. Arranca a cabeça de umas, para que outras possam vingar. A sua mente prega-lhe partidas, substituindo as rosas coloridas por cabeças humanas de olhar vazio como quem está para morrer. Um roseiral humano que promete a morte. Não sabe de onde vêm estas imagens que a assombram, mas respira fundo e escolhe qual delas vai decapitar. Ouve um grito. Sabe que alguém está no portão e que, às horas que são, só pode ser Maria. Enquanto a rosa decapitada vai caindo de encontro ao solo, Julieta descalça as luvas e abandona o roseiral.

— Ó mulher, mas tu tens campainha para quê? Uma pessoa aqui a dar de vaia, todo o mundo na estrada a achar que sou maluca por gritar a esta hora, sem feridas abertas que se vejam, e tu, de certeza, a falar com as rosas que já não te podem ver à frente.

Julieta debate-se momentaneamente com a ideia de as suas rosas não a quererem por perto, mas percebe que não é momento

para reflexões dessa natureza. Sobe os cantos da boca, forçando um sorriso hospitaleiro enquanto abre o portão, deixando a vizinha entrar.

— Desculpa, Maria. Não estava à espera de visitas. Sabes que me meto nas rosas e esqueço-me do mundo.

— Sei perfeitamente que é para te esqueceres do mundo que para lá vais. Tínhamos combinado eu vir cá hoje para me pagares os potes de mel que te trouxe do mercado na semana passada.

— Mel? Tenho mel guardado em casa há semanas, Maria. Comprei-os eu, como sempre. Não te estou a dever dinheiro.

Maria, de ar nitidamente confuso, fica em silêncio por uns segundos, tentando encontrar nos arquivos das suas memórias a certeza de não estar equivocada. Ela tem a certeza.

— Eu tenho a certeza. Não me pagaste a semana passada, porque a Sara levou as últimas notas que tinhas na carteira. Ó Julieta, estás a armar-te em caloteira agora depois de velha? — O ar de Maria é claramente assertivo. Não sairá daquela casa sem o dinheiro que lá foi buscar.

Julieta, de sobrolhos carregados e olhar irrequieto, procura em todo o lugar um resquício de uma lembrança que dê razão à vizinha. Não quer discutir, muito menos com Maria que é sempre exaltada e barulhenta. Muito menos agora, que deixou uma pobre rosa seca decapitada à sua espera no chão. Volta a inspecionar o rosto de Maria, como se nele pudesse encontrar as respostas que procura. Talvez busque um indício de que ela estava a brincar, mas não o encontra. Apressa-se a apalpar os bolsos, como se fosse norma ir tratar do jardim com a carteira lá dentro. Sobe a mão no ar, num aceno mudo e imóvel, acima de tudo confuso, fingindo que se tinha lembrado do combinado. Vai até à cozinha, de passo acelerado, onde deixa sempre a carteira, e de lá tira quantidade de dinheiro suficiente para que Maria se vá embora.

— Aqui tens. Desculpa a confusão.

## 5.

Ele está sentado duas carteiras à frente dela. Tem sempre um certo ar misterioso e doce, o que faz com que toda a gente gravite em torno dele. Há um mistério qualquer que ele carrega. Querem decodificá-lo, só não sabem como. São adolescentes. Desejam a sorte de receber um toque ou sorriso de uma pessoa que acabou por ser instalada num pedestal em que nunca pediu para estar.

Sara sabe que o correto seria concentrar-se nas palavras do professor de História. O seu pensamento balança entre David e o professor resignado e triste que se apresenta à frente do quadro de ardósia. Ela sabe que ele sabe que poucos daqueles alunos lhe concedem a atenção que ele imaginou ter. Ninguém vê, nas pinturas que ele analisa, a beleza que têm, os significados escondidos e o que podem trazer de bonito à vida. São todos demasiado adolescentes para se interessar seja pelo que for.

Ela sabe que se devia concentrar nos apontamentos do quadro de giz, arranjar formas de gravar na memória figuras que morreram há séculos ou, quem sabe, nunca tenham existido sequer. Sabe que, naquele momento, está a ser o arquétipo de jovem desatenta do qual sempre se tentou distanciar. No caderno, rabisca composições abstratas enquanto analisa a forma como o cabelo liso daquele rapaz, sentado à sua frente, se aconchega na nuca. A pele do pescoço, clara e aveludada como a pele de um pêssigo, suscita algo fervoroso dentro dela. Ela suspeita o que seja, mas repete para si mesma, talvez para se tentar convencer, que não sabe o que se passa.

A vontade de tocar nele incomoda-a, fazendo-a reacomodar-se na cadeira dura da sala de aula. A camisola que ele veste está pintalgada de pelos brancos, e Sara imagina-o a abraçar o seu rafeiro

antes de sair de casa. Conhece-o bem, ao rafeiro. Lembra-se de o ter afagado de forma abrutalhada, como os cães costumam gostar de ser afagados, e de receber uma lambidela molhada na bochecha como gratificação depois disso. Acabou lá, na casa dele, depois de ter perdido o autocarro no fim daquele dia.

Ao vê-la sentada no muro da escola, já ao pôr do Sol, David perguntou-lhe se não seria tarde para ela ali estar. Sentou-se ao lado de Sara, notando que esta não se havia dado conta da sua presença até ele estar demasiado perto. A rapariga apressou-se a tirar os fones dos ouvidos, parou a música que estava a ouvir e olhou na direção dele, esboçando um sorriso atrapalhado. Não lhe respondeu.

— Não te costumeo ver por aqui a esta hora. A maioria do pessoal já foi para casa — comentou ele.

— Perdi o autocarro e estou à espera da minha avó. E tu, estás aqui a fazer o quê?

David vivia ali perto. Tinha criado o hábito de vaguear pelas imediações da escola, já depois de quase todos se terem ido embora. Havia algo em lugares demasiado cheios durante o dia que o fascinava quando finalmente se esvaziavam. Era fantasmagórico e melancólico. Nostálgico talvez. Encontrava uma espécie de conforto nisso. Tentou explicá-lo a Sara.

— Deves achar que sou completamente maluco a dizer este tipo merdas. — O olhar dele preso no horizonte, como se os olhos não servissem para grande coisa naquele momento. — Sei que é estranho.

Sara não o achava maluco, mas podia jurar que ele gostava da atenção toda que tinha. Acabou por não o dizer, mas entreolharam-se sorridentes. Ela verificou as horas.

— Vivo aqui perto. Podemos esperar no jardim da minha casa, se quiseres. Tenho um cão, acho que é capaz de fazer o tempo passar mais depressa.

Ela surpreendeu-se com a oferta, mas assentiu. Não sabia bem porquê, não costumava aventurar-se por aí com quem não tinha

grande proximidade. Levantaram-se simultaneamente, numa coreografia orgânica e atrapalhada. Sara e David eram da mesma turma há dois anos, mas não haviam trocado muito além de meia dúzia de frases. Sempre fugazes e puramente práticas. Mas aquele encontro acidental iluminou-os em cores diferentes. Encontrar caras familiares em contextos inesperados tem a capacidade peculiar de criar um conforto, muitas vezes desmedido para a situação em si. Aquele foi um desses momentos, eles é que não o adivinharam ali. Andaram lado a lado, coordenando a velocidade e os passos. Sara olhava de soslaio, de vez em quando, tentando que o seu olhar não se cruzasse com o dele. Conhecia aquela cara, mas encontrava agora particularidades novas que a intrigavam. A luz dourada do fim do dia enaltecia as sardas que ele tinha nas faces, e ela ficou de olhar preso nos nós dos dedos proeminentes dele ao agarrar as alças da mochila.

— Como se chama?

— A sério que me vais tratar por você? Além disso, sabes perfeitamente como é que me chamo — disse ele, com ar provocador. Sabia que o intuito da pergunta não era aquele. Prosseguiu mesmo assim.

Sara riu-se, dessa vez de forma despreocupada, mostrando os dentes e o vinco que lhe surgia na bochecha ao sorrir abertamente.

— Como se chama o teu cão? — insistiu ela, recuperando o fôlego e baixando a guarda.

— *Borboto* — disse ele.

## 6.

José, chegado a casa pouco tempo antes, estaria na sala de estar. Era sempre lá que poderia ser encontrado, caso houvesse quem o quisesse por perto. Não acontecia muitas vezes. Estar em casa ou ser desejado. Das poucas vezes que Sara se viu obrigada a invadir aquele espaço, a confrontar tão desconfortável presença, disse sempre as mesmas palavras: «O jantar está pronto.» Certificando-se de que o avô assentia com uma espécie de grunhido qualquer, abandonava o local como quem lança uma bomba e foge. Felizmente, naquele dia não tem de o fazer.

Ao passar pela janela em frente ao lava-loiça, vinda da escola, faz brotar no rosto de Julieta um sorriso luminoso, como quem espera que um familiar regresse de um país longínquo. Na presença de Sara, Julieta alegra-se por existirem as duas ao mesmo tempo. É uma constatação que não a larga. Não se lembra do que estava a fazer, mas abandona-o para receber a neta com o abraço largo e apertado que sempre a caracterizou. Sara deixa-se receber naquele aperto enquanto deixa cair a mochila pelos braços abaixo. Há sempre algo pesado que Sara liberta ao ser recebida em casa pela avó.

— O avô já chegou? — pergunta Sara, surpreendida, sabendo que a resposta é sim.

— É, não sei que lhe deu hoje. Não me lembro da última vez que chegou antes de eu começar o jantar.

Sara não pergunta as possíveis razões para aquela presença prematura. Sabe que não há forma de Julieta ter conhecimento dos pormenores da vida de José. Há muito que deixou de tentar saber. Ele não deixa ninguém entrar na sua vida e, se são um casal, apenas o mostram pelas alianças nos dedos e pela morada em comum.

Sentada na mesa no meio da cozinha, Sara abre e fecha cadernos nos seus afazeres pós-aulas, enquanto a avó preenche o ar com cheiros reconfortantes de refogados e guisados. Julieta não conhece em primeira mão aquele tipo de rituais, para ela, a escola foi um capítulo fugaz e arrancado às pressas. Confia que a neta faz o que tem de fazer. Sabe que resulta, porque vê a inteligência de Sara nas palavras que escolhe e na forma como se comporta. Pensa: «Como é que alguém como eu criou alguém tão perfeito assim?» Os defeitos de Sara apagam-se aos olhos de Julieta, que se sente menor que toda a gente.

\*

Sentados na mesa da cozinha, avós e neta jantam em conjunto. O vidro da janela torna-se opaco com a escuridão da rua, refletindo o interior e quem já sabe que lá está. O exterior fica guardado como um segredo. O clima é sempre tenso na presença de José, mas Julieta esforça-se para que conversem como todas as famílias parecem fazer.

— Hoje veio cá a Maria. Armou um carnaval ali no portão, dizendo que lhe devia dinheiro de um mel qualquer que não me lembro de lhe pedir para comprar. Ando às voltas na minha cabeça a tentar perceber que razão ela teria para me mentir.

— Vó, mas estão ali os frascos de mel.

— Eu sei, querida, fui eu que os comprei. E a Maria ou está a querer deixar-me maluca numa brincadeira qualquer de mau gosto ou precisa de dinheiro e não tem coragem de pedir.

José mantém-se calado, enfiando pedaços de pão na boca, com o semblante carrancudo de quem apenas ouviu aquela conversa por não ter outra opção.

Sara conhece Maria e sabe perfeitamente que não houve um dia na vida em que ela tivesse vergonha de dizer fosse o que fosse. Estranha a avó considerar tal possibilidade e observa-a, claramente

importunada por aquilo tudo. Esforça-se por tentar contribuir para a resolução daquele dilema. Lembra-se do dinheiro que tirou da carteira da avó sem a avisar e do raspanete que levou quando regressou a casa. Lembra-se do desconforto e irritação que assolaram Julieta por ter ficado a dever dinheiro à vizinha e das centenas de desculpas que teve de proferir para que a avó se acalmasse.

— Tu chateaste-te comigo porque não te avisei que tinha tirado dinheiro da tua carteira. Foi há uma semana. Foi no dia em que a Maria trouxe o mel, vó.

Julieta, parada, olha a neta com o rosto sério e carregado. A boca semiaberta desvenda a constatação da verdade. Não entende como se esqueceu.

— Raios partam a mulher, que agora parece maluca — diz José, referindo-se à esposa com o escárnio de sempre. Levanta-se da mesa, deixando o prato meio cheio e um silêncio denso a pairar na divisão.

## 7.

Aquela casa pequena, caiada de branco, era o mundo quase todo. Os buracos que atravessavam paredes eram pontos mágicos nos quais se criavam feixes de luz. Para Julieta, que pouco havia visto e vivido, esses pequenos furos que faziam sobressair as mágicas partículas de pó que pairavam no ar eram motivo de orgulho. «É a casa mais brilhante do mundo», dizia ela à mãe.

Julieta era dois anos mais nova que Lídia. As duas crianças de cabelos escuros e olhos claros pareciam destinadas a dar vida àquela família e a tudo o que tivesse a sorte de se aproximar delas. Os pais, sempre orgulhosos por terem construído tudo aquilo. A casa velha era só um invólucro, que não fazia jus ao amor que a preenchia. Da parte de fora, as irmãs pequenas passavam horas a encher os golpes das paredes com malmequeres e papoilas que apanhavam pelo campo. O campo era o mundo todo. A casa ficava revestida de flores, como pensos rápidos infantis que, ao invés de disfarçar, faziam sobressair as fragilidades de que era feita. As flores fingiam segurar paredes, e a casa fingia que acreditava. Mantinha-se em pé.

Julieta lembra-se de observar a mãe e a irmã nos seus afazeres domésticos, de as contemplar como se faz com os quadros. A mãe era um colo quentinho e uma cara esculpida com atenção. Ela tinha a certeza de que, por mais que crescesse, não seria linda como a mãe, que pedi-lo era abusar do destino e da sorte. Ninguém ousava compará-las. Ninguém comparava a mãe de Julieta com pessoa alguma. Lídia, com os seus oito anos e pose de senhora, que no campo, naquele tempo, era idade para se começar a abandonar a infância, fascinava a irmã com a sua astúcia. Parecia saber tudo sobre tudo, sem altivez alguma.

Não lhe parecia ser possível chegar o dia em que a irmã deixaria alguma pergunta sem resposta, que as suas sobrancelhas carregadas não se movimentassem ao ritmo das conversas em que ela encontrava interesse. Sem adivinhar como, Lídia compreendia que saber algo lhe daria jeito. As irmãs dormiam juntas todas as noites. Aconchegavam-se uma na outra, encaixando joelhos, barrigas e pescoços. Abraçavam-se como se se pudessem fundir, criando uma massa homogénea que servisse para criar um ser humano melhorado. O ser humano que eram antes de se dividirem na gravidez de gémeas inventada por Lídia. Eram um todo dividido. Só inteiras quando juntas.

Julieta era feliz. Naquela casa, não havia espaço para tristeza. A felicidade ocupava todos os centímetros de ar, e nada mais cabia. Para algo triste poder entrar, algo feliz tinha de sair.

## 8.

Raquel atira-se para cima da cama fofinha de Sara. O corpo encontra o colchão num embate violento e saltitante enquanto ela exala ar pela boca, como um balão que se furou. Larga ali um peso qualquer que carrega durante o dia.

— Há de chegar o dia em que me vais partir o estrado — diz Sara, refileando levemente.

— Tudo se parte um dia — constata Raquel, enquanto olha o teto, vidrada.

— Sabes que tem muita graça olhar para ti com esse ar de derrota, vestida de todas as cores, não sabes? É como olhar para um palhaço a chorar. Não faz sentido. — Sara faz uma pausa e vê que o semblante da amiga permanece inalterado. — Passa-se alguma coisa?

Raquel ergue o tronco e apoia-se sobre o cotovelo.

— Achas que posso passar aqui a noite? Os meus pais discutiram. Foi grave ontem à noite. Preferia dormir aqui a voltar para lá. Posso?

— Pensava que as coisas estavam melhores.

— Melhora sempre antes de voltar a piorar. Parece que arranjam sempre formas de tornar a discussão seguinte mais dramática e assustadora que a anterior. Já lhes implorei para que se divorciem, juro por tudo.

Sara não sabe o que dizer. Não sabe o que é crescer com pais que se odeiam. Não sabe o que é crescer com pais. E, não sabendo o que dizer, Sara acaricia a mão de Raquel e diz-lhe que ela pode sempre dormir ali.

\*

A noite traz o seu silêncio zumbidor e infiltra sorrateiramente uma capacidade de honestidade maior. Sara e Raquel partilham o ar daquele quarto, que já se tornou pesado. Sara pega no telemóvel de vez em quando, sorrindo para o ecrã que lhe ilumina levemente o rosto.

— Nem preciso de perguntar para saber que estás a falar com o David — diz Raquel, com ar de troça.

Sara abre levemente as narinas sem desfazer o sorriso, como quem tenta disfarçar a vergonha. Está sentada no chão, encostada à porta do armário. Pousa o telemóvel entre as pernas.

— Acho mesmo que me estou a apaixonar. Que horror.

Raquel ri-se.

— Claro que te estás a apaixonar! Estás a apaixonar-te há séculos. Ainda não tinhas dado por isso?

— Acho que estou sempre a afastar essa ideia da minha cabeça. Tenho medo — confessa Sara.

— Medo do quê? Não dizes que ele é querido?

— Sim, é. É mesmo. Mas nunca senti isto antes e não vejo razão nenhuma para ele sentir seja o que for por mim.

— Olha que tu já disseste muita coisa estúpida, mas essa deve ser a maior de todas — diz Raquel, num tom ligeiramente ultrajado.

Sara nunca beijou ninguém. Nunca se apaixonou verdadeiramente, porque sempre se sentiu demasiado criança. Há nela uma urgência inerente de se agarrar ao tempo e não querer que ele avance demasiado depressa. Quer, ao mesmo tempo que cresce, permanecer exatamente como está. A ideia de um amor traz a sensação de invasão. Sara sente que, ao apaixonar-se, estará a entrar num território que lhe é interdito, permitido apenas aos adultos que ainda lhe parecem tão diferentes do que ela é. A ideia de amar confirma que o tempo passa também por ela. Espera-se que ela possa gostar de alguém, vivendo com o susto de ficar sozinha depois. Tocar no corpo de alguém e sentir-se bem com isso.

Ter alguém a tocar nela, a admirá-la com outros olhos que não maternos. Outro olhar, diferente daquele que sente da parte de Julieta, do que imagina a mãe e o pai fazerem no plano etéreo e abstrato em que moram há onze anos. Tudo isso a aterroriza.

Sara cresceu sabendo que lhe faltará sempre uma parte e reage com estranheza à ideia de poder haver quem sinta desejo de ocupar os espaços vazios dentro de si. Como se manter a solidão que a caracteriza fosse uma forma de fingir que os pais ainda estão ali. Uma forma de preservar a única coisa que eles lhe deixaram.

Com a morte, ela tornou-se alguém que nunca será inteira e talvez rejeite a ideia de um todo, vendo nisso uma afronta ao amor que sente e à falta do amor que poderia ter.

Olha-se no espelho, na parede ao lado da cama, ajeita o cabelo gentilmente por detrás da orelha, sorri e movimenta a cabeça, tentando encontrar um ângulo em que consiga perceber que é possível alguém se apaixonar por ela.

Julieta começa a esquecer.

Primeiro, as palavras mais simples.  
Depois, as ruas do bairro onde sempre viveu,  
os nomes e aqueles que mais ama. Com pouco  
mais de cinquenta anos, a sua memória  
desfaz-se lentamente, como uma fotografia  
antiga exposta ao sol.


É pela voz de Sara, a neta que criou desde  
a morte trágica dos pais, que acompanhamos  
esta despedida silenciosa. Sara é obrigada a crescer  
depressa de mais: aos dezoito anos, troca sonhos  
por turnos numa loja que detesta e dias livres  
por noites de cuidado. Quando a melhor amiga  
parte para uma cidade distante, a solidão instala-se  
e o futuro parece um dilema entre o dever e a culpa.

Entre lembranças que se desvanecem e afetos  
que resistem, *O Que Resta* é um romance  
comvente sobre o amor que permanece quando  
a memória falha e sobre a difícil aprendizagem  
de deixar ir sem deixar de amar.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

   penguinlivros

ISBN: 978-989-589-844-2



9 789895 898442